



NEW LEFT “Nova Esquerda”.

Preciso retomar um ponto do artigo anterior (cf. [COMUNISMO](#)), relembrar alguns personagens importantes para elucubrar acerca deste ponto (a New Left) que trataremos neste artigo, são eles, Felix Weil, Karl Korsch, Max Horkheimer e Jacques Derrida, que fazem parte de toda a estruturação hegemonicamente cultural.

Felix Weil foi um marxista alemão–argentino, que forneceu os fundos para fundar o Instituto de Pesquisas Sociológicas em Frankfurt, Alemanha; apelidada de Escola de Frankfurt, ele cria uma série de congressos para acelerar o processo de revolução. Karl Korsch foi um filósofo alemão, professor universitário, representante do chamado “marxismo ocidental” e do “comunismo de conselhos”. Korsch teve uma trajetória política que foi marcada pela influência da Sociedade Fabiana, sustentava a tese que o Estado é estruturado pela economia, mas essa economia tem como base uma outra estrutura invisível, **“a cultura estabelecadora dos valores que são passados de geração em geração”**. Max Horkheimer foi um filósofo e sociólogo alemão. A sua filosofia, a expressão “teoria crítica do transversal” é empregada para designar o conjunto das concepções da Escola de Frankfurt. Horkheimer delineia seus traços principais, tomando como ponto de partida o marxismo e opondo-se àquilo que ele designa pela expressão “teoria tradicional”. Jacques Derrida foi um filósofo franco–magrebino, que iniciou durante os anos 1960 a “Desconstrução” em filosofia. O que esses homens fizeram juntamente para o avanço do Comunismo, e o que eles contribuíram para a fundação da New Left? Derrida na França usa como matéria–prima para o “Desconstrucionismo”, a teoria crítica de Horkheimer, Korsch que é contemporâneo de Gramsci, estimula Félix a





fundar a Escola de Frankfurt, e o sucessor de Félix na Escola é Horkheimer que assim como Gramsci acreditava na Hegemonia Cultural e na destruição da estrutura dos valores que se perpetuavam por meio da autoridade da Igreja, da família e da escola, ele disse, **“esses valores morais, dogmáticos devem ser atacados e destruídos”**. Jacques Derrida postula que as formações culturais e intelectuais humanas deveriam sofrer uma reinterpretação como elemento fundante de um novo conhecimento: — **“Não existem fatos, apenas interpretações”**. A era do subjetivismo; **“este é o método de retirar o significado de um texto, para colocar um novo significado pretendido”**. Este método não é somente aplicado unicamente a textos, é também aplicado, na retórica política e ideológica em geral. O Desconstrucionismo é a chave do que chamamos hoje de **“politicamente correto”**, que é através dele, que surge o relativismo moral, que reinterpreta toda e qualquer relação social, valor, ou tradição cultural de acordo com as necessidades das causas políticas do momento.

Politicamente Correto.

O sociólogo e filósofo alemão naturalizado norte-americano, pertencente à Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse, do Partido Social Democrata Alemão, tem o seu encontro com Karl Marx. Marcuse foi um dos primeiros a interpretar criticamente os Manuscritos Econômico-filosóficos de Marx e **“pensava encontrar neles um fundamento filosófico da economia política no sentido de uma teoria da revolução”** (Wiggershaus, 2003, p. 134). Para ele, não era mais necessário recorrer a Heidegger [1] para fundamentar filosoficamente o marxismo, já que viu no próprio Marx a possibilidade dessa fundamentação. É de Marx que virá sua crítica ao Nacionalismo e aos efeitos que o capitalismo burguês vai ter na vida das pessoas. Também vem de Marx a proposta de que, com o desenvolvimento da tecnologia e





do capitalismo como um todo, em conjunto com uma ação prática–revolucionária da sociedade, poderemos alterar as nossas condições e erguer uma nova organização social, que possibilite uma vida melhor para as pessoas, e onde elas não sejam alienadas. Marcuse procura esboçar caminhos que nos levem para além da organização sócio–econômica atual.

Contato com a Escola de Frankfurt.

Em 1933, por intermédio da intervenção de Leo Lowenthal e de Kurt Riezler, Herbert Marcuse foi admitido no Instituto de Pesquisas Sociológicas que seria mais tarde associado à Escola de Frankfurt, que neste momento estava exilado em Genebra. Ele tentara, sem sucesso, desde 1931 entrar em uma relação mais estreita com o Instituto. Em 1934, junto com Theodor Adorno e Max Horkheimer mantém suas atividades nos Estados Unidos. Em 1950, os colaboradores do Instituto retornam à Alemanha, mas Marcuse decide permanecer nos Estados Unidos onde pensa, escreve e ensina até sua morte em 1979. Nos Estados Unidos desenvolve trabalhos e o seu livro: — **“O homem unidimensional”**, neste livro ele afirma que: — **“a classe do proletariado, na sociedade industrial, deixa de ser agente transformador da sociedade, porque o avanço do capitalismo deixa a vida desses grupos tão confortáveis que suas vontades revolucionárias teriam acabado”**.

Herbert Marcuse nasceu em Berlim, no ano de 1898, sendo de origem judaica. Sabe-se que aos 20 anos participou do movimento revolucionário espartakista [2]; a esfera política e a intenção de promover mudanças sociais sempre o irá acompanhar ao longo de sua vida. Depois irá se formar em Filosofia por Berlim e Friburgo, e seu primeiro trabalho será um levantamento bibliográfico sobre Schiller. Marcuse desenvolveu estudos com Martin Heidegger, que o levou a





um doutorado sobre Hegel, autor que vai ter influência decisiva em suas reflexões filosóficas. Posteriormente essa sua tese se transformou em um livro, cuja repercussão lhe valeu o cargo de assistente de Heidegger. Com o advento do Nazismo, Marcuse teve que se refugiar nos Estados Unidos, onde passou a trabalhar ao lado de Max Horkheimer e Theodor Wiesengrund, sociólogos neo-hegelianos com quem trocou diversas reflexões. É dessa época que datam vários ensaios de sua autoria, se preocupando com o desenvolvimento tecnológico, com o aumento do racionalismo na sociedade moderna, com o aumento da repressão da liberdade e com a impossibilidade de os indivíduos desenvolverem suas plenas potencialidades. Mais tarde, os companheiros de Marcuse retornariam para a Europa, onde darão continuidade a seus projetos no chamado **“Grupo de Frankfurt”**. Depois, na década de 50, como professor de Ciências Políticas na Universidade de Brandeis, Marcuse vai publicar dois de seus mais importantes livros: — **“Eros e a Civilização”** e **“Marxismo Soviético”**. O primeiro será devidamente comentado nas próximas linhas deste artigo, e o segundo tem como assunto desmascarar o totalitarismo que tomava conta da União Soviética e como afastava-se das aspirações de Marx. O grande sucesso dos dois primeiros livros incentivou Marcuse a lançar **“O Homem Unidimensional”** (também chamado de “Ideologia da Sociedade Industrial”); neste livro ele desenvolve uma grande crítica social ao estado moderno, mostrando suas irracionalidades e formas de repressão. Em 1967, Herbert retorna à Europa, e suas idéias vão ter grande repercussão no movimento estudantil europeu, inclusive ele próprio tendo um contato contínuo com o importante líder estudantil Rudi Dutschke, este que em pouco tempo será vítima de um atentado a bala. Todos esses acontecimentos trarão reconhecimento internacional à figura de Marcuse, que será ameaçado de morte pelo movimento Ku-Klux-Klan. Se analisarmos as fontes filosóficas de Marcuse,





podemos dizer que o centro de sua filosofia se focará em Hegel. Ele tomará um conceito hegeliano muito marcante: — **a Razão, como faculdade humana que se manifesta pela possibilidade do homem desenvolver inteira e livremente suas potencialidades (Marcuse será um grande defensor desse desenvolvimento humano).** E como neo-hegeliano, Herbert será sempre dialético e crítico. Outra fonte importante do pensamento marcuseano será Marx, de onde ele se inspirará em diversas de suas abordagens sociais, políticas e econômicas. É dele que virá sua crítica ao Nacionalismo e aos efeitos que o capitalismo burguês vai ter na vida das pessoas. Também vem de Marx a proposta de que, com o desenvolvimento da tecnologia e do capitalismo como um todo, em conjunto com uma ação prática–revolucionária da sociedade, poderemos alterar as nossas condições e erguer uma nova organização social, que possibilite uma vida melhor para as pessoas, e onde elas não sejam alienadas. Marcuse procura esboçar caminhos que nos levem para além da organização sócio–econômica atual, a velha utopia comunista. Enfim, podemos perceber, em “Eros e Civilização”, um diálogo constante que Marcuse terá com a obra Freudiana (Freud). Uma grande influência de Freud será a busca da felicidade do indivíduo humano, que virá através da satisfação dos desejos individuais da pessoa. As pessoas hoje seriam infelizes porque a sociedade bloqueia a realização de seus desejos, e devemos tentar reverter essa situação. Será utilizado muito da teoria da psicanálise, também, para explicar o comportamento das pessoas na sociedade atual; por exemplo, como atuam suas pulsões e como procuram realizar ou reprimir os seus desejos.

Um ponto importante – “Eros e Civilização”.

De vital importância no “Eros e Civilização” será a distinção freudiana de pulsões de vida (representada por Eros) e





pulsões de morte (por Thanatos). Basicamente, as pulsões de vida serão aquelas voltadas para a conservação da vida, construção, união, e fenômenos do gênero; elas se mostrarão claramente na sexualidade, que tem importância crucial no aparelho psíquico, para o prazer e para reprodução (continuação da vida). As pulsões de morte, pelo contrário, impulsionarão as atitudes agressivas, de destruição, fazendo as coisas tenderem para o repouso da morte.

Diante do exposto, Marcuse, detecta segundo a teoria de Karl Marx (tese), de Sigmund Freud (antítese), chegando a síntese, que o novo grupo revolucionário, a nova massa de manobra seriam as pessoas à margem da sociedade: — assassinos, estupradores, ladrões, sequestradores, etc., agora, fica evidente do porquê que a esquerda no Brasil —, partidos políticos, como PT e PSOL, juntamente com os Direitos Humanos, defendem e protegem criminosos. Marcuse defendeu também que a feminilidade e a masculinidade, não eram diferenças essenciais da natureza humana, mas sim, apenas meras construções sociais impostas pelo que seria a primeira divisão do trabalho da História da humanidade —, a família. Note que é a mesma pauta da esquerda brasileira, a desconstrução familiar, pelo que eles chamam, “Ideologia de Gênero”; defendeu que a libertinagem sexual seria uma reação a repressão social política; impulsionava o relativismo moral no mundo inteiro; há pouco tempo aqui no Brasil, houve manifestações “artísticas” com o apoio da grande mídia apodrecida, de artistas que vigoram o comunismo e de intelectualóides, como exemplo, “Queermuseu”, performance de um artista nu no Museu de Arte Moderna — MAM e Macaquinhos — performance que explora o ânus e seus tabus). O “politicamente correto” é aceito de braços abertos pela opinião pública basicamente por três motivos:





1 – As teorias econômicas de Karl Marx são complicadas para entender, enquanto, que o raciocínio do “politicamente correto” por meio de chavões, de frases de efeito aliado a fantasia de um mundo ideal e sem defeitos, é muito mais atraente para o cidadão comum.

2 – O “politicamente correto” pratica a teoria crítica destrutiva até a exaustão, e sabemos que a adesão desse tipo de mentalidade revolucionária, principalmente por parte dos jovens é enorme.

3 – O marxismo falhou como sistema social e econômico em todo o mundo, restava para a sua sobrevivência a “guerrilha cultural”.

Acerca do jovem universitário, o Filósofo Luiz Felipe Pondé diz, “dentre as várias formas, digamos, de processo transformador da sociedade no socialismo, a teoria do Gramsci é talvez, a que melhor se aplica, no que tem acontecido no mundo e no Brasil, porque o socialismo, o comunismo, e o marxismo perdeu em tudo, ele só não perdeu na cultura. Na cultura ele é hegemonicamente vitorioso; existe uma tendência natural ao mundo acadêmico e produção de idéias, a abraçar a causa socialista; porquê é o mundo em que você pode falar o que quiser (falo principalmente no mundo das ciências humanas, que é onde estar esta produção), você pode falar o que quiser, porque um aluno de ciências humanas, dificilmente vai “quebrar” uma empresa, por que ele não vai abrir empresa, dificilmente ele vai derrubar um avião, por que ele não vai pilotar avião, portanto, você pode inventar como o mundo é, inventar como seres humanos são, propor uma solução que você tem na cabeça, dizer como todo mundo deve agir, por que os alunos vão sair dali, vão beber, vão transar e se quando eles forem trabalhar, depois, eles vão arrumar emprego como professor, então eles irão poder repetir a mesma história, ou





eles vão na realidade, basicamente, gerar gasto em algum órgão do governo”.

De acordo com Horkheimer, a teoria crítica tinha o objetivo de **“libertar os seres humanos das circunstâncias que os escravizam”**. Assim sendo, seu principal objetivo era criar uma plataforma teórica e ideológica para uma revolução cultural. Ato contínuo, esse grupo de “filósofos” centrou seus esforços especificamente na cultura.

É a cultura o que forma os fundamentos que modelam a mentalidade e a visão política das pessoas. Alterando-se a cultura, altera-se a mentalidade e a visão política das pessoas. Para alterar a cultura, é imprescindível controlar a linguagem e as idéias. E, para se fazer essa revolução cultural, era imprescindível se infiltrar nos canais institucionais, particularmente a educação, no Brasil o patrono da educação, Paulo Reglus Neves Freire, foi um dos discípulos do pensamento Gramsciano. Em suma, a Teoria Crítica é a politização da lógica. Horkheimer, ao declarar que **“a lógica não é independente de conteúdo”**, quis dizer que um argumento é lógico se ele tem o objetivo de destruir as bases culturais tradicionais da civilização Ocidental, e é ilógico se ele tem o objetivo de defendê-las.

Este, obviamente, é o pilar do “politicamente correto”, e explica por que o debate aberto e sem censura é vituperado como sendo algo subversivo e inflamatório. O “politicamente correto” despreza o debate aberto porque o vê como um gerador de discórdias e dúvidas, algo que estimula a análise crítica e impede uma uniformidade (e uma hegemonia) intelectual. Em suma, o debate aberto e sem censura evita a predominância do chamado “pensamento de manada”, que é o cerne da revolução cultural [3].





A importância estratégica da educação controlada pelo Estado.

De acordo com a Escola de Frankfurt, todos os defeitos da humanidade começam com a família, “esses valores morais, dogmáticos devem ser atacados e destruídos” (Horkheimer, Gramsci). A família é a primeira e primordial entidade moral que encontramos, essa entidade cria seus filhos de uma maneira autoritária, a qual gera adultos submissos, obedientes e dependentes. Em outras palavras, é a família o que nos prepara e nos programa para aceitar o fascismo. Sendo assim, ao se desacreditar e destruir o conceito de família, torna-se possível destruir o capitalismo e o fascismo em sua raiz, “destruiremos sua base moral, a família e a espiritualidade [...]” (Lenin). Por causa dessa atitude antagonista em relação à família, combinada com sua cruzada ideológica contra a espiritualidade, os filósofos de Frankfurt tinham de apresentar uma alternativa para substituir essa instituição antiquada e, com isso, garantir um caminho seguro para o futuro. Ato contínuo, a solução estava em reprogramar a sociedade por meio de uma engenharia social revolucionária, de modo que todos passassem a se comportar da maneira esperada pela teoria social da Escola. Todo o comportamento humano deveria se tornar um mero e previsível ato de reciprocidade, conforme Antonio Gramsci, **“todos devem ser socialistas sem que se deem conta”**. Este, por si só, seria o código universal de ética que governaria a “utopia frankfurtiana”. Para impor e impingir esse código sobre a sociedade, eles propuseram a infiltração seguida da manipulação das instituições, dentre elas, e principalmente, a educação e a mídia. Deter o controle desses canais institucionais seria a maneira mais eficiente de impor e de promover sua ética. A educação controlada por sua ideologia forneceria a chave para a obediência garantida, extirpando toda e qualquer discordância, bem como todo e qualquer potencial de





pensamento independente feito pelo indivíduo. As repercussões dessa estratégia são óbvias hoje. A educação controlada pelo Estado condicionou as crianças e os adolescentes a, desde cedo, jamais questionar as políticas coletivistas do governo. Aliás, quando estudantes decidem fazer algum ato de rebeldia contra o governo, é justamente para pedir a imposição de ainda mais políticas coletivistas. Trata-se de uma estratégia que obteve um sucesso quase que absoluto. Como disse Lew Rockwell, **“se toda a propaganda governamental inculcada nas salas de aula conseguir criar raízes dentro das crianças à medida que elas crescem e se tornam adultas, estas crianças não serão nenhuma ameaça ao aparato estatal. Elas mesmas irão prender os grilhões aos seus próprios tornozelos”** [4].

A ascensão do marxismo cultural.

A Escola da Frankfurt criou o dogma de que “liberdade e justiça” são termos dialéticos, o que significa que eles estão em completa oposição um ao outro, em um jogo de soma zero, em que **“mais liberdade significa menos justiça”** e **“mais justiça é igual a menos liberdade”**. Baseado nessa dialética, a liberdade era a tese e a justiça era a antítese. Essa interessante abordagem dialética foi adotada das idéias e obras de Friedrich Hegel. A Escola de Frankfurt, no entanto, distorceu o núcleo deste conceito e desnaturou sua lógica consequencial. Em suma, a principal diferença entre as abordagens dialéticas de Hegel e Horkheimer está em suas respectivas conclusões: — Hegel, um idealista, acreditava, assim como Kant, que o espírito cria a matéria, ao passo que, para Horkheimer, um discípulo de Marx e de sua teoria do materialismo, é a matéria o que cria o espírito. Marx afirmava que o mundo, a realidade objetiva, podia ser explicado por sua existência material e por seu desenvolvimento, e não pela concretização de uma idéia





divina absoluta ou como resultado do pensamento humano racional, que é a postura adotada pelo idealismo. Consequentemente, para a Escola de Frankfurt, colocar limites sobre o mundo material, colocar regras externas e diretrizes sobre o ambiente no qual os indivíduos vivem, pensam e operam, seria uma medida que, na visão deles, seria suficiente para moldar a experiência cognitiva dos indivíduos e, com isso, confinar seus espíritos aos parâmetros “desejados”. Esse é o ponto-chave que liga a Escola de Frankfurt àquilo que hoje conhecemos como o “politicamente correto”. No cerne do “politicamente correto” está a crença de que menos liberdade garante mais justiça e, consequentemente, mais segurança. Este mantra é regurgitado por meio de instituições acadêmicas, discursos políticos e mídia, inserido em valores sociais e plantado nas mentes das gerações mais jovens (futuros eleitores, militantes, ou professores, que serão instrumentos do pensamento revolucionário) por meio das escolas e faculdades, exatamente como era intenção da Escola de Frankfurt. Em vez de criar uma plataforma que estimule o desenvolvimento do indivíduo por meio do raciocínio lógico, do questionamento e dos diálogos estimulantes, o sistema institucional funciona como uma linha de montagem mecanizada, que tem o objetivo de padronizar e homogeneizar os indivíduos, condicionando-os a se submeter ao “status quo” [5], sempre dizendo “sim” e jamais questionando. Esta é a lógica da Teoria Crítica da Sociedade e o elemento central do “politicamente correto”. Trata-se de uma tentativa de controlar a inerente entropia das idéias humanas e todo o tipo de pensamento independente; de controlar o fluxo das idéias humanas e de conformar as experiências humanas a um imobilismo anti-natural. Em última instância, trata-se do objetivo de quebrar o espírito do indivíduo e deixar sua mente de joelhos perante os ditames dos filósofos comunistas. Daí vem o termo “marxismo cultural” — os marxistas praticamente abandonaram a velha





retórica da “luta de classes”, que envolvia as classes capitalistas e proletárias, e a substituíram pelas classes opressoras e oprimidas. As classes oprimidas incluem as mulheres, as minorias, os grupos LGBT, e várias outras categorias mascotes. Já a classe opressora é formada por homens brancos heterossexuais que não sejam ideologicamente marxistas, como os próprios fundadores da Escola de Frankfurt. O marxismo cultural nada tem a ver com a liberdade, com o progresso social ou com um suposto esclarecimento cultural. Ao contrário, e como o próprio Horkheimer deixou claro, tem a ver com a criação de indivíduos idênticos que não se confrontem entre si e que não troquem idéias, operando como máquinas automáticas e sem emoção [6]. **“Idéias são mais letais que armas, somos favoráveis ao terrorismo organizado – isto deve ser admitido francamente, precisamos odiar. O ódio é a base do comunismo. As crianças devem ser ensinadas a odiar seus pais se eles não são comunistas, usaremos o “idiota útil” na linha de frente. Incitaremos o ódio de classes”** (Lenin); Stalin diz, **“as idéias são muito mais poderosas do que as armas. Nós não permitimos que nossos inimigos tenham armas, porque deveríamos permitir que tenham idéias?”**.

New Left – Nova Esquerda.

David Horowitz é um escritor e estadunidense, figura proeminente no apoio ao marxismo e membro da Nova Esquerda (a New Left) na década de 1960, filho de pais comunistas, quando com 17 anos, ver todas as mazelas de Joseph Stalin sendo denunciada em 1956 por seu sucessor, Nikita Khrushchov. Khrushchov foi secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) entre 1953 e 1964 e líder político do mundo comunista até ser afastado do poder por sua perspectiva reformista e substituído na direção da URSS pelo político Leonid Brejnev. Em 25 de





fevereiro de 1956, no XX Congresso do Partido Comunista, ele fez o “**Discurso Secreto**” [7], denunciando os crimes de Stalin e instaurando uma era menos repressiva na União Soviética. Nesta ocasião, em decorrências das denúncias, como, variedades de crimes, traições, campo de trabalhos forçados e o genocídio de 20 milhões de mortes, o Ocidente, entra em choque; e neste momento David Horowitz desfilia-se do Partido Comunista e funda a New Left.

Agora, com o “politicamente correto” implantado no mundo, surge a esquerda “purificada”, atraente, “nova” e mais progressista, usando o “Desconstrucionismo” de Jacques Derrida, e escondendo todos os processos genocidários cometidos pela “utopia comunista”.

A Nova Esquerda (a New Left), são os movimentos políticos de esquerda surgidos em vários países a partir deste período (1960). Eles se diferenciam dos movimentos de esquerda anteriores que haviam sido mais orientados para um ativismo trabalhista, e adotam uma definição de ativismo político mais ampla e violenta, comumente chamada de ativismo social. Nos Estados Unidos, a Nova Esquerda está associada aos movimentos populares, como o Hippie, os de protesto à Guerra do Vietnã e pelos direitos civis, que visavam a acabar com a opressão de classe, gênero sexual, raça e sexualidade (homossexualidade).

Horowitz (1939) depois de concluir sua pós-graduação, no final da década de 1960, onde morava em Londres e trabalhou para a Bertrand Russell Peace Foundation, período em que se identificava como um intelectual marxista engajado. Em 1966, Ralph Shoenman persuadiu Bertrand Russell a convocar um tribunal de crime de guerra para julgar o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã. Horowitz citaria três décadas depois, ter reservas políticas em relação a esse tribunal pelo que não participou





da ação, apesar de descrever os juízes do tribunal como formidáveis. Dentre eles estavam os mundialmente famosos Isaac Deutscher, Jean–Paul Sartre, Stokely Carmichael, Simone de Beauvoir, James Baldwin e Vladimir Dedijer. Enquanto esteve em Londres, Horowitz tornou-se amigo íntimo do Deutscher, e escreveu uma biografia dele, publicada em 1971. Horowitz escreveu também **“O Colosso do Mundo Livre: Uma Crítica da Política Externa Americana na Guerra Fria”**. Em janeiro 1968, voltou para os Estados Unidos, onde se tornou co–editor da revista **“New Left the Ramparts (Nova Esquerda de Muralhas)”**, com sede no Norte da Califórnia. Durante o início da década de 1970, Horowitz desenvolveu uma estreita amizade com Huey Newton, fundador do Partido dos Panteras Negras. Horowitz, mais tarde, retratou Newton como um pouco de gângster, terrorista, intelectual e celebridade de mídia. Como parte de seu trabalho em conjunto com os Panteras, Horowitz ajudou a arrecadar dinheiro e financiar uma escola para crianças pobres em Oakland. Ele recomendou que Newton contratasse Betty Van Patter como contadora (sua amiga), na época em que ela estava trabalhando para as “Ramparts”. Em dezembro de 1974, o corpo de Van Patter foi encontrado flutuando no porto de São Francisco, e Horowitz concluiu que os Panteras Negras estavam por trás de seu assassinato.

David Horowitz sem conseguir explicar a morte de sua amiga, escreve para o jornal New York Time, e com uma desculpa o seu artigo não é publicado. Horowitz é afastado da New Left por seus “amigos” por traição, razão de ter atacado os Panteras Negras. Hoje David Horowitz é um defensor declarado do conservadorismo.

Paz e graça.
Pr. Me. Plínio Sousa.





[1] – Martin Heidegger (1889 – 1976) foi um filósofo, escritor, professor universitário e reitor alemão. Ele foi um pensador seminal na tradição continental e hermenêutica filosófica, e é “amplamente reconhecido como um dos filósofos mais originais e importantes do século 20”. Heidegger é mais conhecido por suas contribuições para a fenomenologia e existencialismo, embora, como a Enciclopédia de Stanford de Filosofia adverte, **“seu pensamento deve ser identificado como parte de tais movimentos filosóficos apenas com extremo cuidado e qualificação”**. Nascido na pequena cidade de Messkirch, distrito de Kaden, no interior da Alemanha. Inicialmente quis ser padre e chegou mesmo a estudar Teologia na Universidade de Freiburg. Depois, estudou Filosofia na mesma Universidade, com Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia. Em 1913, doutorou-se em Filosofia. Ao estudar os clássicos protestantes de Martinho Lutero, João Calvino, entre outros, enfrentou uma crise espiritual e rompeu com o catolicismo. Em 1917 se casa com a Luterana Elfrid Petri.

[2] – A Liga Espartaquista, também chamada Liga Spartacus, foi uma organização socialista, marxista, revolucionária, anti-imperialista e antimilitarista atuante na Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial. Constituída no início da Primeira Guerra Mundial, pela ala esquerda da social-democracia alemã (Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, Clara Zetkin e Franz Mehring, entre outros), sua denominação é uma referência a Spartacus, líder da maior rebelião escrava da Roma Antiga (73 a.C. – 71 a.C.), e símbolo da resistência dos oprimidos aos seus exploradores, segundo as concepções marxistas de materialismo histórico e luta de classes.

[3] – Marcuse, Herbert, “Eros e Civilização, Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud”, Tradução Álvaro Cabral, Ed. Guanabara Koogan, 8ª edição; Doria, Francisco Antônio, “Marcuse, Vida e Obra”, José Álvaro Editor S.A., Paz e Terra, Rio de Janeiro, Guanabara,





1974; Pizani, Marília Mello, “Marcuse e Freud: A Polêmica na Interpretação”.

[4] – A Escola de Frankfurt, o marxismo cultural, e o politicamente correto como ferramenta de controle, Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2016 – Parte 1. A Escola de Frankfurt, o marxismo cultural, e o politicamente correto como ferramenta de controle, Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2016 ([Fonte](#)) – Parte 2. A Escola de Frankfurt, o marxismo cultural, e o politicamente correto como ferramenta de controle, Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2016 ([Fonte](#)) – Parte 3.

[5] – Statu quo é uma locução latina que significa “no estado das coisas”. Também é grafada como status quo, significando “o estado das coisas”.

[6] – O chamado Discurso Secreto ou Relatório Khrushchov, cujo nome oficial é: — “Sobre o culto à personalidade e suas consequências”, é uma famosa intervenção do político soviético Nikita Khrushchov durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 25 de fevereiro de 1956. No discurso, Khrushchov reafirma sua crença nos ideais comunistas, invocando as idéias de Lenin, ao mesmo tempo que critica o regime de Stalin, particularmente pelos brutais expurgos de militares de alto escalão e de quadros superiores do Partido – o chamado “Grande Expurgo”, entre 1934 e 1939 –, e pelo culto à personalidade de Stalin. O discurso foi um marco na “Era Khrushchov”. Foi um sinal da intensa disputa pela liderança soviética, na qual Khrushchov procurava desacreditar os stalinistas, notadamente Lavrentiy Beria. Significou, também, uma mudança da linha oficial do Partido Comunista da União Soviética e dos seus postulados baseados no chamado stalinismo. O discurso adquiriu o nome da sessão na qual foi pronunciado, a portas fechadas, sem a presença de convidados estrangeiros. O texto original só foi publicado em sua totalidade no dia 3 de Março de 1989, pela gazeta oficial do Comitê Central do





Partido, já no período da *glasnost* – abertura do regime promovida por Mikhail Gorbatchov.

[7] – Breines, Wini (1989), *Community and Organization in the New Left, 1962 – 1968, The Great Refusal* (em inglês), [S.I.] – Rutgers University Press, 187 páginas.

